



EDITORIAL

Os organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Aqui está o primeiro número de *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem* (abreviadamente ECO-REBEL), que pretendemos publicar semestralmente. Apesar de ser uma disciplina relativamente jovem no cenário científico, a ecolinguística já se firmou como um novo modo de se estudarem os fenômenos da linguagem, praticamente em todos os continentes. Como qualquer disciplina em plena vitalidade, ela já apresenta algumas ramificações, como a ecolinguística crítica, a linguística dialética e, no Brasil, a linguística ecossistêmica, com seu sub-ramo análise do discurso ecológica.

Um dos primeiros objetivos de ECO-REBEL é ser um fórum em que os ecolinguistas brasileiros e estrangeiros possam discutir diversas questões que têm a ver com a relação entre língua e meio ambiente ou mundo. Como se verá em alguns textos presentes neste número, para se praticar ecolinguística, ou seja, estudar qualquer fenômeno da linguagem ecolinguisticamente, é preciso assumir o ponto de vista da visão ecológica de mundo (VEM), amplamente discutida por Fritjof Capra em quase todas as suas obras. Um outro objetivo é mostrar que se pode e se deve fazer ciência em português, embora artigos em línguas como o inglês, espanhol, francês e, eventualmente, em italiano também possam ser considerados para publicação. Isso se justifica perfeitamente no contexto da VEM.

Temos a honra de iniciar a revista com dois nomes marcantes na curta história da ecolinguística, Alwin Fill (Univesität Graz, Áustria) e Adam Makkai (University of Illinois at Urbana-Champaign). Eles são autores dos dois primeiros livros que portam no título a palavra 'ecolinguística'. O de Fill foi escrito em alemão e se intitula *Ökolinquistik: Eine Einführung* (Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993), em português, *Ecolinguística: Uma introdução*. Trata-se da primeira introdução à ecolinguística já escrita. No entanto, desde a década de oitenta do século passado o autor já vinha escrevendo artigos e livros sobre 'linguagem e ecologia'.

No decorrer da década de noventa e começo do ano de 2000, ele organizou diversos encontros e publicou várias coletâneas de ensaios ecolinguísticos, além de proferir conferências em congressos internacionais. Podemos dizer com toda certeza que foi essa intensa atividade de Fill

que fez a disciplina decolar, tornando-se uma disciplina internacionalmente respeitável. Sem esse papel catalisador exercido por ele, ela certamente não teria tomado as proporções que apresenta atualmente. O artigo de Fill neste número inaugural de ECO-REBEL, “Ecolinguística: A história de uma ideia verde para o estudo da linguagem”, toca justamente na questão da história da disciplina, além de falar sobre as ramificações que ela já apresenta, incluindo-se algumas sugestões de aplicação.

O livro de Makkai é uma coletânea de ensaios que ele vinha publicando desde a década de setenta do século passado sobre as relações entre língua e meio ambiente, ou melhor, sobre questões linguísticas partindo da visão ecológica do mundo. Não se trata, portanto, de uma introdução ao assunto como o de Fill. O título do livro é *Ecolinguistics: ¿Toward a new paradigm for the science of language?* (Londres: Pinter Publishers, 1993). O texto aqui reproduzido, “Porque ecolinguística”, constitui a introdução a esse livro. Reproduzimo-la porque contém grande parte das ideias ecolinguísticas do autor. Um dos ensaios contidos no livro que vale a pena mencionar é “A pragmo-ecological view of linguistic structure and language universals”, publicado em *Language sciences* 27, p. 9-23, 1972. Na sua cruzada contra a gramática gerativa, então ‘gerativa transformacional’, Makkai propõe alternativas mais ecológicas para se estudarem os fenômenos da linguagem. Para o que nos interessa, é importante notar que ele já vinha se preocupando com o assunto ‘linguagem-ecologia’ desde a época do clássico texto de Einar Haugen, também de 1972. Aliás, como se vê no artigo de Fill, Haugen mencionou a palavra ‘ecolinguística’ a Makkai nesse mesmo ano, embora só oralmente. Por representarem marcos na história da ecolinguística, os textos de Alwin Fill e Adam Makkai entram na revista como convidados de honra.

O terceiro texto, intitulado “Biodiversidade e diversidade etnolinguística na Amazônia”, é de um dos primeiros e mais profundos conhecedores da questão das línguas indígenas brasileiras, o recém-falecido Aryon Dall’Igna Rodrigues. Apesar do fato de o adjetivo usado pelo autor ser “etnolinguística” e não “ecolinguística”, o ensaio é inteiramente ecolinguístico. Ele discute uma das questões mais prementes do cenário linguístico nacional, ou seja, a questão da diversidade linguística (linguodiversidade), relacionando-a com a diversidade biológica (biodiversidade): as duas estão diminuindo perigosamente a cada dia que passa. Trata-se do objeto de estudo do ramo da linguística ecossistêmica intitulado etnoecologia linguística. O texto foi publicado com autorização da família de Aryon. Dada a importância, a pertinência do assunto tratado bem como a conhecida competência do autor na área, também este texto é convidado.

Por pretender ser primordialmente porta-voz da ecolinguística que se pratica no Brasil, os próximos dois artigos de ECO-REBEL estão voltados para o assunto.

O quarto texto, “Linguística ecossistêmica”, de Hildo H. do Couto, visa a expor os princípios da versão da ecolinguística que se pratica no Brasil, sobretudo no eixo Brasília-Goiânia. Entre outras

ECO-REBEL

coisas, o texto mostra que ela é chamada de ‘ecossistêmica’ por partir justamente do ecossistema biológico para erigir suas bases epistemológicas, embora lance mão também da ecologia sociológica e da filosófica. Isso significa que os linguistas ecossistêmicos não se consideram linguistas que pegam conceitos da ecologia biológica e os aplicam metaforicamente no estudo dos fenômenos da linguagem, caso em que estariam praticando ‘linguística ecológica’, em que o substantivo é ‘linguística’ e ‘ecológica’ o adjetivo. Pelo contrário, eles praticam ‘ecologia linguística’, outro nome para ‘linguística ecossistêmica’. No caso, o substantivo é ‘ecologia’, enquanto que ‘linguística’ é o adjetivo.

Como os fenômenos discursivo-textuais também têm guarida na ecolinguística que praticamos, nesse contexto vem surgindo a linguística ecossistêmica crítica, mais comumente chamada de análise do discurso ecológica (ADE). Isso está discutido no quinto texto, de Hildo Couto & Elza Kioko do Couto, mostrando que se pode praticar análise do discurso sem sair do âmbito das ciências ecológicas, com ligeiras achegas da análise do discurso positiva, do taoísmo, das ideias de Gandhi e outras. As diversas versões da análise do discurso tradicional têm privilegiado em suas análises questões de ideologia e relações de poder. A ADE, ao contrário, por estar no contexto da VEM, privilegia a defesa da vida (de todas as espécies) e uma luta constante contra tudo que possa trazer sofrimento aos seres vivos, aí inclusos os humanos, mas não só eles, pois a ADE evita o antropocentrismo das análises do discurso tradicionais, mesmo quando camuflado sob o véu do humanismo.

O sexto texto, “Um estudo da ecologia do contato de línguas em Timor-Leste”, de Davi Albuquerque, tenta aplicar os princípios da linguística ecossistêmica ao estudo do contato de línguas. Contrariamente aos estudos tradicionais sobre contatos, parte-se da interação comunicativa, não do sistema, mostrando “interferências” do sistema A no sistema B, ou vice-versa. Pelo contrário, o que interessa é como se dá a interação na situação de contato entre povos aloglotas.

O sétimo artigo, “O ambiente como argumento final na imprensa brasileira”, é do ecolinguista português Rui Manuel Nascimento Lima Ramos. Ele mostra como uma notícia de jornal sobre um funcionário público detido pela polícia, mostrando que ele simplifica a realidade, espetacularizando, valorizando a pessoa para, em seguida, inverter a valorização e criar uma imagem disfórica dele, execrando-o publicamente, sem lhe garantir defesa.

O oitavo texto é o miniartigo de Francisco Gomes de Matos, “Por uma identidade ecolinguística”. Incluímo-lo porque é um dos primeiros textos publicados por um brasileiro usando a palavra ecolinguística. O autor falou em identidade ecolinguística já em 1988. Aliás, ele relacionava ecologia com ensino de línguas já na década de setenta do século passado. A citação que faz de Kaplan & Baldauf mostra que, na década de noventa do mesmo século, os autores viam a língua

ECO-REBEL

imersa em um ecossistema, antecipando uma das ideias mais básicas da linguística ecossistêmica.

Por seu valor histórico, também este miniartigo entra aqui como convidado.

Este primeiro número de ECO-REBEL contém ainda seis resenhas e algumas minirresenhas. A primeira obra resenhada, por Alessandro B. Tatagiba, é a revista *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, 2013, que contém trabalhos apresentados no I Encontro Brasileiro de Ecolinguística (realizado na UnB em 2012). A segunda é o livro *Ecolinguística: Um diálogo com H. H. do Couto* (2013), de Elza K. N. N. do Couto, resenhado por Nathália M. P. Gomes. A terceira é o volumoso livro-coletânea *Da fonologia à ecolinguística* (2013), por Genis F. Schmltz Neto. A quarta é o livro *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora* (2014), que contém os trabalhos apresentados no I Encontro de Ecolinguística e Imaginário (realizado na UFG em 2014), resenhado por Rosineide Sousa. A quinta é o também alentado livro *Entomologia cultural* (2014), resultante do I Simpósio Brasileiro de Entomologia Cultural, resenhado por Hildo H. do Couto. Quanto às minirresenhas, trata-se apenas do registro neste número inaugural de nossa revista de outras obras já publicadas em português, mas que já haviam sido resenhadas anteriormente.

Por partir da visão ecológica de mundo, a ecolinguística encara seu objeto de estudo de modo holístico, o que significa que assume a paráfrase que Roman Jakobson fez de uma famosa frase de Terêncio. Parafrazeando ambos, diríamos: *Ecolinguista sum; linguistici nihil a me alienum puto* (eu sou ecolinguista e nada do que é linguístico me é estranho). Isso significa que a ecolinguística que praticamos pode tratar tanto da interioridade quanto da exterioridade da linguagem, para usar expressões comuns entre os praticantes de análise do discurso. Como se pode ver no terceiro texto (linguística ecossistêmica), ela inclui questões como análise de discursos e de tudo que tem a ver com as relações entre língua, usuários e o lugar em que se encontram, o que constitui o tripé do ecossistema linguístico: língua (L), povo (P) e território (T). No que tange às relações entre LP e T temos o contato de línguas, assunto tratado neste número de ECO-REBEL por Davi Albuquerque. Em linguística ecossistêmica esse tipo de estudo recebe o nome de exoecologia linguística. No que tange à interioridade (endoecologia linguística), o que existe de específico na abordagem ecolinguística é que ela não vê os fenômenos como estruturas fechadas, mas como redes orgânicas. Além de encarar seu objeto de estudo holisticamente, como redes orgânicas, não fechadas, a versão da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica encara a língua não como um instrumento de comunicação ou de expressão do pensamento. Para ela, a língua é comunicação e expressão de pensamento, ou seja, ela é um processo, um gerúndio, como já dizia Eugenio Coseriu, não um substantivo nem um particípio passado. Estamos convictos de que ECO-REBEL será um foro privilegiado para discussão dessas e de outras questões que têm a ver com linguagem e meio ambiente ou mundo.

ECO-REBEL

Por isso, eventualmente a revista poderá acolher textos de ecossemiótica e de ecocrítica, além de ciências humanas como antropologia, sociologia, psicologia etc., contanto que se enquadrem na visão ecológica de mundo e toquem na questão da linguagem. Por outro lado, poderá acolher também textos de ecologia, contanto que possam dialogar com os estudiosos da linguagem. Por fim, gostaríamos de falar sobre a capa. Os triângulos representam os ecossistemas linguísticos, inextricavelmente imbricados um no outro: se tirarmos qualquer um deles, o todo se desmorona. Os dois rostos virados um para o outro visualizam a interação linguística. Aí estão representados os pilares da linguística ecossistêmica: os ecossistemas linguísticos, que são triádicos, e a ecologia da interação comunicativa. Tudo isso no cenário da natureza física. Esta capa é de autoria de Genis Frederico Schmaltz Neto. Dele é também a formatação da revista, inclusive sua organização no sistema.

Boa leitura.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015.